

ANA MARIA CHANTRE DOS SANTOS

A FESTA DE S. PEDRO EM SANTO ANTÃO

**LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E
PORTUGUESES**

ISE, 2007

ANA MARIA CHANTRE DOS SANTOS

A FESTA DE S. PEDRO EM SANTO ANTÃO

**Trabalho Científico apresentado no ISE para obtenção do Grau
de Licenciada em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses**

Sob a orientação do

Professor Dr. José Maria Semedo

(Docente do Instituto Superior de Educação)

O Júri

Praia, ____/____/____

INDICE

DEDICATÓRIA	I
-------------------	---

AGRADECIMENTOS	III
----------------------	-----

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

INTRODUÇÃO	9
1. ENQUADRAMENTO.....	11
2. JUSTIFICATIVA	12
3. PERGUNTA DE PESQUISA	13
4. OBJECTIVOS GERAIS	13
5. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	13
6. METODOLOGIA.....	13

CAPÍTULO II

A ILHA DE SANTO ANTÃO - REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

2. BREVE INTRODUÇÃO DA EVOLUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA ILHA DE SANTO ANTÃO.....	16
2.1. Descoberta, denominação e localização geográfica da Ilha.....	16
2.2. Colonização, divisão administrativa e evolução da ilha	16
2.3. CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DA FREGUESIA DE S. PEDRO APÓSTOLO	19
2.4 - ROMARIA E SUA ORIGEM.....	22
2.5. POSSÍVEL CHEGADA (DAS FESTAS DE ROMARIA) A CABO VERDE E A SANTO ANTÃO EM PARTICULAR.....	25
2.6 - ORIGEM DAS FESTAS JUNINAS	28
2.7 - A SIMBOLOGIA DE SANTOS	29
2.7. 1. SÃO PEDRO	31
2. 8. O PERCURSO DESSA FESTA ATÉ À ACTUALIDADE	33

CAPÍTULO III

A FESTA DE SÃO PEDRO

3.1. A FESTA DE S. PEDRO – ETNOGRAFIA DA FESTA	37
3.1.1. O significado da festa.....	37
3.1.2. OS FESTEJOS. OS DIAS E OS LOCAIS DESSA FESTA	38
3.1.3. DESCRIÇÃO DO SAGRADO NESTA FESTA	40
3.1.4. O PROFANO.....	43
3.1.5. - O TOQUE DE TAMBOR – COMO SE FESTEJA	46
3.1.6. DA ROMARIA AOS LOCAIS DA FESTA.....	50
CONCLUSAO	52
BIBLIOGRAFIA.....	54
ANEXO	

Dedicatória

*Aos meus filhos Déry e Cariane,
pelos momentos de espera durante a minha
ausência e como prova dum amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho só foi possível graças à Deus que me ajudou nesta jornada e, graças ao apoio e a colaboração de algumas pessoas.

Deixo o meu apreço e consideração a todos que de uma forma ou de outra colaboraram na execução deste trabalho.

Aos meus filhos que me acompanharam durante os estudos;

Ao Professor Dr. José Maria Semedo, pela dedicada orientação e amizade;

Ao meu colega e amigo Luís de Pina, pelos apoios e incentivos;

À minha família, e em particular ao meu cunhado José Coutinho pela disponibilidade do seu tempo na recolha das informações, documentos e fotografias em Santo Antão;

Sincero agradecimento aos informantes, que me cederam dados de grande importância para a realização do trabalho.

“Um dos erros modernos mais perigosos

é o de querer rejeitar o passado”.

Gustave Le Bon

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação destina-se a obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, conforme o Plano Curricular do Instituto Superior de Educação.

Ele incide sobre uma temática bastante conhecida “ A Festa de S. Pedro em Santo Antão”, na qual pretendemos trabalhar uma das grandes manifestações culturais de Cabo Verde e de Santo Antão em particular.

Arcádio Monteiro diz que “defender o nosso folclore é obedecer e respeitar a memória dos nossos maiores”.

Assim, a capacidade de receber, transmitir, modificar, acrescentar, são capacidades que distinguem o homem dos outros animais por possuir cultura. E Cabo Verde sendo um país resultante de uma mistura de raças (branca e negra), possui uma cultura própria proveniente da influência dos povos (Europeus e Africanos) que povoaram essas ilhas.

Deste modo a realização deste trabalho permite-nos confrontar a nossa realidade com os conhecimentos adquiridos na disciplina de Cultura Cabo-verdiana que integra o curriculum do Curso anteriormente referido.

Neste sentido, com o presente trabalho tencionamos fazer uma descrição dessa festa na ilha de Santo Antão dando a conhecer a sua origem, as influências endógenas e exógenas que estão subjacente à sua introdução e ainda identificar as especificidades dessa festa em relação à ilha e à Freguesia de São Pedro Apóstolo, em particular.

O trabalho ora apresentado estrutura-se em três capítulos conforme a seguir se elucida: O primeiro capítulo intitula-se: Apresentação do Trabalho e retrata sobretudo um pequeno enquadramento; justificativa; pergunta de pesquisa; Objectivos gerais e específicos da pesquisa e a metodologia seguida para a sua efectivação.

O segundo capítulo abrange uma breve Introdução da Evolução Sócio-Histórica da ilha Santo Antão; a criação e evolução da Freguesia de S. Pedro Apóstolo; a romaria e sua origem desde as peregrinações a Roma; a possível chegada (das festas de romaria)

a Cabo Verde e a Santo Antão em particular de procedência algarvia, alentejana e minhota e por escravos ladinizados ou mesmo libertos, respectivamente; a origem das festas juninas; a simbologia do Santo (São Pedro); o percurso dessa festa até à actualidade.

O terceiro capítulo dá-nos conta da festa de S. Pedro; o significado dessa festa; os dias e os locais da sua comemoração e como se festeja; a descrição do sagrado nesta solenidade que tem por objectivo pagar uma promessa ou suplicar ao santo; o profano que compreende as festividades mundanas; o toque de tambor e como se festeja; a romaria feita a pé aos locais da festa e as conclusões, seguidas da bibliografia consultada.

Algumas fotografias ilustrarão algumas páginas, comprovando as pesquisas e entrevistas realizadas no local ao longo do trabalho.

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1. ENQUADRAMENTO

As festas tradicionais têm grande importância sócio-histórica e cultural e, em geral são religiosas e obedecem um calendário litúrgico. Normalmente concentram-se nos meses de Maio, Junho, Julho e algumas em Novembro.

Assim sendo, a festa de S. Pedro que tem origem nas festas de Romaria, aponta para uma possível chegada a Cabo Verde com os colonizadores (madeirenses, açorianos, algarvios, outros povos da Europa) e a possível introdução de algum ritual africano, com os escravos, terem trazido uma cultura forjada, adaptando-a as condições naturais que encontrou nesse novo ambiente.

Apesar de ser um acontecimento social a referida festa é o resultado de um cruzamento cultural entre as várias tradições e costumes dos povos das ilhas que por necessidade deslocaram-se a essa ilha e adaptaram essas tradições ao novo espaço.

Constata-se pois, que as festas tradicionais terão tido e vêm tendo alguma influência na cultura cabo-verdiana e santantonense em particular.

2. JUSTIFICATIVA

O tema encontra-se enquadrado no âmbito da Cultura cabo-verdiana.

Quando se fala na cultura cabo-verdiana, Santo Antão é sempre uma referência e, sendo a ilha que fica mais à Norte de Cabo Verde, esta festa adquiriu maior importância nesta ilha com mais pujança.

Pretende-se então demonstrar que a festa de S. Pedro em Santo Antão possui algumas características próprias e que se deve conservar.

Tendo em conta que esta manifestação popular acompanha verdadeiras associações de folguedos populares semi-religiosos e profanos, pretende-se que ela seja transmitida de geração em geração tendo em conta o seu contexto cultural.

Assim, conservar e explicar aos mais novos aquilo que vem morrendo de ano para ano é o meu objectivo primordial neste trabalho.

3. PERGUNTA DE PESQUISA

- Qual é a origem da festa de São Pedro em Cabo Verde? De onde veio?
- Como se adaptou à nova realidade?

4. OBJECTIVOS GERAIS

- Conhecer a origem desta festa
- Conhecer as influências internas e externas que estiveram na base da implantação desta festa em Cabo Verde

5. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar algumas características específicas desta festa em Santo Antão.

6. METODOLOGIA

O estudo será desenvolvido, através da investigação reflexiva procurando fazer o levantamento e análise de dados existentes bem como os estudos literários.

Para tal, e de acordo com o enquadramento analítico e os objectivos do projecto, o trabalho será construído através da leitura analítica e crítica de algumas obras, jornais e revistas que abordam a temática das festas tradicionais em Cabo Verde, norteadas pelo tema e pelas ideias principais pressentidas nos documentos, fixando as características da referida festa.

Temos a convicção de que num trabalho desta natureza a leitura e recolha de dados não são suficientes, mas apenas indispensáveis, tornando-se necessário recorrer à investigação das diversas fontes bibliográficas existentes e disponíveis com vista a obter o maior manancial documental possível. Por isso, dado a escassez de documentação não descartamos a hipótese de, eventualmente, recorrermos a entrevista, à Internet, e outras fontes, caso a evolução dos estudos a justificar.

Nesta perspectiva, é nossa intenção procedermos à análise dos dados obtidos das diversas fontes tentando harmonizar as duas facetas de investigação, aplicando os métodos científicos.

Portanto, julgamos ser estas as etapas metodológicas que devemos percorrer para a elaboração deste trabalho:

- Leitura de obras (livros, revistas e jornais);
- Recolha bibliográfica através de outras fontes disponíveis;
- Revisão da literatura/fundamentação teórica;
- Tratamento de dados recolhidos;
- Análise de dados /Elaboração do trabalho.

CAPÍTULO II

A ILHA DE SANTO ANTÃO – REFRÊNCIAS

HISTÓRICAS

2. BREVE INTRODUÇÃO DA EVOLUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA ILHA DE SANTO ANTÃO

2.1. Descoberta, denominação e localização geográfica da Ilha

A Ilha de Santo Antão, uma das maiores de Cabo Verde foi descoberta em 1462, aquando da descoberta das ilhas de Barlavento do Arquipélago.

Conforme reza a história, a denominação da Ilha deve-se ao navegador português Diogo Afonso que a descobriu no dia 17 de Janeiro de 1462. De acordo com a tradição e à semelhança de algumas outras ilhas, nomeadamente: Santiago, São Vicente, São Nicolau e Santa Luzia, Santo Antão foi baptizado com o nome do Santo do dia do início da descoberta.

Segundo Rocha na obra *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão* esta Ilha, a segunda maior do arquipélago, localiza-se no grupo de Barlavento.

2.2. Colonização, divisão administrativa e evolução da ilha

A colonização da ilha de Santo Antão teve início no ano de 1548 por uma leva de colonos vindos de Portugal designadamente: algarvios, alentejanos e minhotos enviados pelo Capitão da ilha, e por escravos ladinizados ou mesmo libertos. A sua superfície ascende a 779 km², com aproximadamente 40 km de extensão longitudinal e cerca de 20 km de largura.

Rocha explica que em Maio de 1732¹, fundaram a Povoação, a actual Vila da Ribeira Grande na zona norte da ilha. Assim, os principais aglomerados populacionais são a vila da Ribeira Grande, a Ponta do Sol, o Porto Novo a capital da ilha, que foi elevado à categoria de cidade no dia 3 de Setembro de 2005.

A Ilha encontra-se dividida em três concelhos: Ribeira Grande, o mais antigo da ilha, Porto Novo, Paul e sete freguesias a saber: Nossa Senhora do Rosário, Nossa

¹ Vide ROCHA, Agostinho. *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão (1462/1983)* pág. 62

Senhora do Livramento, Santo Crucifixo, São Pedro Apóstolo, Santo António das Pombas, São João Baptista e Santo André.

A ilha de origem vulcânica apresenta relevo bastante acidentado, situando-se mais a ocidente do Arquipélago e consequentemente mais afastada do Continente Africano.

Possui vales muito profundos que foram cavados por uma forte erosão das águas das chuvas e, é formada por uma cadeia de montanhas que durante muito tempo foi quase intransponível fazendo-se transpondo íngremes encostas e veredas na maioria das vezes pedregosas. Ciclicamente montanhosa, estas compostas de basalto erguem-se a centenas de metros de altitude, principalmente, na região ocidental onde se situa o ponto mais elevado da ilha o Tope da Coroa, com 1979 metros, seguido do Pico da Cruz, com 1814 metros, a noroeste, e a sudeste o Gudo de Cavaleiro, com 1811 metros.

A parte da ilha voltada a sudeste é quase completamente árida, enquanto que a zona noroeste goza de chuvas mais regulares e é razoavelmente verde. Pois, isso deve estar na origem da maioria da população se concentrar nesta parte de Santo Antão.

A pesca tem um papel importante na economia da ilha. As principais produções agrícolas são cana-de-açúcar, inhame, mandioca, banana, manga e milho. Uma das principais produções da ilha é a (aguardente) grogue, um tipo de cachaça produzido localmente e muito popular em todo o arquipélago. Quanto à pecuária, já “foi importante a criação de gado em Santo Antão”².

A paisagem, disputando áreas verdes com regiões absolutamente secas, é um forte atractivo para o turismo que nos últimos anos tem vindo a tornar-se uma indústria com interesse crescente para os turistas com gosto por longas caminhadas, o turismo-aventura e o eco-turismo.

Para além do português, língua oficial, o crioulo cabo-verdiano é usado no dia-a-dia pela grande maioria da população de Santo Antão. Existe uma variante local do crioulo cabo-verdiano “diferente bastante do dialecto utilizado nas outras ilhas, com predomínio do português arcaico” (Rocha. op. cit. pag.14).

² ROCHA, Agostinho. *Subsídios para a Historia da Ilha de Santo Antão*. Pág 34

No que concerne à paisagem e festas tradicionais considera-se Santo Antão uma das ilhas mais vocacionadas para os festejos e sua paisagem propícia para o efeito. Estudos realizados por historiadores e pesquisadores demonstram que a Ilha de Santo Antão é rica em manifestações culturais e populares, herdadas das tradições mais antigas da sua população, com destaques especiais para música e os festejos em homenagem aos Santos, caracterizadas sobretudo por um misto do profano e do religioso.

Relativamente às festas populares, muitas são as coincidências concernentes às datas e denominações com outras ilhas e concelhos com especial realce para as que têm lugar em Junho, nomeadamente: Santo António (Paul), São João Baptista (Porto Novo) e São Pedro Apóstolo (Chã de Igreja).

Nesta ilha, as três festas religiosas e populares possuem todas elas as mesmas características, isto é, constituem uma romaria e comemoração aos santos populares.

Todas estas festas têm como ritual não só as missas e as procissões mas também o repicar dos tambores em enérgica dança do “colá”, onde se dão umbigadas, se ostentam mastros e barcos e se come e se bebe em abundância.

Essas festas gozam uma grande perseverança no seio da população, que as aproveitam com muita euforia e satisfação³.



Fig.1 – Bloco – diagrama do relevo da ilha de Santo Antão (vista de leste para oeste)

³ Internet Explorer site: "<http://pt.wikipedia.org/wiki>"

2.3. CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DA FREGUESIA DE S. PEDRO APÓSTOLO

A Freguesia de S. Pedro Apóstolo comemorou este ano o seu 250º aniversário, o que pressupõe que a sua elevação à categoria aconteceu, provavelmente, em 1795. A confirmar este facto várias foram as pesquisas feitas por nós, não obstante a limitada bibliografia existente sobre este Concelho.

Das pesquisas e contactos feitos obtemos informações de alguns autores e estudiosos que nos confirmam a hipótese anteriormente aventada, a saber: Pires Ferreira e Rocha.

Na versão de Ferreira, segundo uma conversa telefónica mantida com o mesmo, informou-nos de que a Freguesia de S. Pedro Apóstolo teria sido edificada a 15 de Março de 1797, isso porque a zona demonstrava progresso humano e civilizacional bastante avançada.

Segundo Rocha, no ano de 1755 chegou àquela freguesia onde estabeleceu residência, o Bispo D. Frei Pedro Jacinto Valente. Por iniciativa deste foram criadas algumas igrejas dentre as quais a Igreja de São Pedro Apóstolo.

Conforme reza o mesmo documento, em 1797, foi construída a Igreja de São Pedro Apóstolo, localizada na actual Vila de Chã de Igreja. A sua concretização, para além das diligências do Bispo D. Frei Pedro Jacinto Valente, deveu-se sobretudo ao zelo do Cónego Carlos de Lima e Mello, natural da dita ilha, sendo este o 1º Padre a celebrar a missa na referida igreja.

Entretanto, ao longo da sua história esta Igreja tem conhecido momentos de algumas dificuldades tendo sido inclusive “destruída pelos temporais e novamente reconstruída pelo Cónego Terças” (Rocha. Op. cit. p. 97) tendo a sua conclusão efectivada pelo Reverendo Fernando. Convém realçar que a povoação onde foi edificada o referido templo passou a designar-se ” Chã de Igreja”.



Fig.2 Capela de São Pedro Apóstolo em Chã de Igreja

Assim sendo, pode-se afirmar que Chã de Igreja é uma localidade da Freguesia de São Pedro Apóstolo, sendo a sede da mesma e parte integrante do Concelho da Ribeira Grande na ilha de Santo Antão. Esta povoação, à semelhança das restantes do Concelho, conheceu evoluções não só a nível populacional, como também educacional, de saúde e outras infra estruturas.

Relativamente ao ensino é opinião do Sr. Arsénio Gomes, Vereador da Câmara Municipal da Ribeira Grande – Santo Antão, que o mesmo esteve sempre presente na vida da povoação, tendo vários locais servidos de sala de aulas. O local definitivo para a escola foi construído em 1947 pelo português Leonel Pinto a mando do Administrador João Serra. Remodelada em 1969 e tendo a sua mais recente remodelação em 1999.

Já em 1859, põe-se em vigor o diploma legislativo que nomeia Fileno António de Lima, professor da Garça, sendo substituído pelo Padre Mateus Monteiro em 1886 e este substituído em 1888 por Manuel José de Oliveira.

Em 1881, encontra-se na Ribeira Alta, José Januário Pires, antigo oficial de diligência, a leccionar ao ar livre, e passando o administrador Afra Simões pelo vale, e verificando o interesse dele e dos habitantes pela instrução, mandou abrir uma subscrição a favor do célebre decurião.

Em 1893, havia na Garça uma escola régia do 1º grau para o sexo masculino com 84 alunos matriculados e que segundo Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão, no seu livro «Estudos sobre a Ilha de Santo Antão» publicada em 1898 pela Imprensa Nacional: “não satisfaz às exigências do número de crianças daquela freguesia; necessita portanto de mais uma escola”.

Em 1902 cria-se a primeira escola régia em Chã de Igreja.

A ilha de Santo Antão em 1898-1899 encontra-se dividida em 6 freguesias. Enquanto que Santo Antão contava nessa altura com 23.735 habitantes, a freguesia de São Pedro Apóstolo contava com 3.033 habitantes.

A saúde marcou presença há muito tempo na localidade, funcionando em diversas locais, até que o actual Posto Sanitário foi construído em 1970.

O abastecimento de água já era uma preocupação das autoridades de há muitas décadas atrás, sendo que o chafariz histórico foi construído em 1961.

O cemitério inicialmente existente no local aonde se situa a actual Igreja matriz, ou seja, no centro da localidade de Chã de Igreja, foi transferido para um terreno doado pelo maior proprietário da altura, António Pedro Gomes da Fonseca.

As acessibilidades são factores importantes de desenvolvimento para qualquer localidade, pelo que a estrada chegou em Chã de Igreja em 19/06/1973, sendo que na zona da Cruzinha chegou em 31/12/1974.

São Pedro Apóstolo é a freguesia mais extensa do Concelho da Ribeira Grande e comporta as localidades de Chã de Igreja, Cruzinha, Figueiras, Garça, Ribeira Alta e Mocho.

A freguesia cobre uma área equivalente a 64,68 km², ou seja, 38,78% da superfície total do Concelho.

Dados do Instituto Nacional de Estatísticas do ano 2000, apontam a Freguesia com uma população de 3.187 (três mil, cento e oitenta e sete) habitantes⁴ e a sua sede localiza-se no noroeste da Ilha de Santo Antão.

A localidade de Chã de Igreja apresenta uma população de 848 (oitocentos e quarenta e oito) habitantes, segundo dados do INE (Censo 2000), portanto, embora confrontando com zona encravada é uma povoação com enorme potencial e em franca expansão.

Assim sendo, Chã de Igreja é o centro que conflui as várias localidades da Freguesia de São Pedro Apóstolo, possuindo um conjunto de infra-estruturas, equipamentos sociais, serviços públicos, espaço de culto, espaços comerciais, o que desperta a atenção das autoridades municipais e governamentais, havendo já propostas concretas para a sua elevação à categoria de Vila.

2.4 - ROMARIA E SUA ORIGEM

Foi a partir dos séculos XII-XIII, que se assistiu a grande “proliferação das devoções” (MATOSO. s/d:255). Estas festas de Romaria⁵ são originárias das peregrinações, que decorrem desde tempos antigos.

Etimologicamente, a palavra Romaria significa “ir a Roma”, a peregrinação que vem desde os tempos antigos, associadamente com as viagens a outros sítios como Jerusalém. Os fiéis que vão as Romarias são chamados de Romeiros. A religião reserva mistérios profundos, ao falar sobre o conceito de Romaria e, isso tem vindo a escapar-se aos desejos dos pesquisadores e historiadores sobre a matéria.

Na história da cultura há lugares de Romarias medievais, onde a menina tinha oportunidade de ver ou de se encontrar com o namorado, como por exemplo nas cantigas de amigo:

(...)

⁴ INE – Censo 2000

⁵ Espírito Santo. *A Religião Popular Portuguesa*. pág. 137

“fui eu fremosa, fazer oraçon,
non por mia alma, mais que visse eu i
o meu amigo: e, poi-lo non vi,
vedes, amiga, se Deus me perdon
gran direito é de lazerar por en,
pois el non veo, nem aver meu ben”.

(...)

Podemos verificar no exemplo anterior o excerto de uma cantiga de D. Afonso Lopes de Batão, em que a intenção da moça não é fazer oração para purificar a sua alma, mas sim para que aí visse o seu namorado.

Já neste excerto verificamos o estado sentimental criado à namorada pela ausência do amigo e a posição da mãe como uma confidente.

(...)

Se el nin vem i, madre, sei que farei:
el será sem verdad’ e eu morrerei
na ermida do Soveral,
u m’ el fez muitas vezes coitad’ estar,
na ermida do Soveral.

Rogu’ eu Santa Cecília e Nostro Senhor
que ach’ oj’ eu i, madre, o meu traedor
na ermida do Soveral,
u m’ el fez muitas vezes coitad’ estar,

na ermida do Soveral.

(...)

Martin de Ginzo

Segundo Espírito Santo, em Portugal as festas de Romaria tiveram início com as congregações que, tinham como encargo proteger os mais carecidos em qualquer situação, desde os funerais as catástrofes naturais, a miséria e outras adversidades.

Nestas festas a parte religiosa era celebrada com uma missa para afastar os maus espíritos e o que se destacava era a procissão mas, o povo dava mais atenção a parte profana que dissolve grande parte do tempo das festas de Romaria. A procissão manteve sempre o mesmo ritmo. “Trata-se de um rito deambulatório e circular que sugere a tomada de posse do espaço e, simultaneamente, um novo nascimento de todo o grupo. Essas deambulações circulares podem ser executadas de joelhos, de pés descalços, cobertos por uma túnica branca e transparente chamada mortalha ou com uma pedra a cabeça. A finalidade é “pagar uma promessa”⁶.

No dizer de alguns anciões entrevistados as festas de Romaria impunham a suspensão dos trabalhos agrícolas durante alguns dias no mês de Junho. Isso tinha como objectivo a sociabilidade das comunidades aldeãs. Nessa altura durante vários dias os peregrinos se deslocavam a esse lugar em devoção para cumprir as suas promessas junto aos altares, para prestar “homenagem” ao santo devoto, fazer novos pedidos aos santos, dirigir ao Céu as suas súplicas e orações e louvar a Deus e aos santos pelas preces concedidas ou simplesmente para se divertirem.

Nos tempos antigos a religião desempenhava um papel mais relevante que nos dias de hoje. O homem estava sujeito das entidades sobrenaturais, pois, não sabia decifrar o que se passava na natureza (factos naturais e espontâneos, chuva, eclipse, reprodução, procriação) e para explicar tudo isso aproveitava as lendas e ritos cerimoniais impostos pela doutrina, que ao longo dos séculos funcionou como uma mestra. Tinha a missão de convencer as pessoas a aviltarem a parte material, com

⁶ Espírito Santo - *A Religião Popular Portuguesa* – p.138

prelúdio de irem ao inferno, de levá-los a desviarem-se das violências, a serem cautelosos e humildes, a controlar os seus ímpetos e de serem promotoras da paz.

“As festas eram permitidas mais para dar vazão aos “instintos” pagãos”⁷. Mas, devidas as imposições da igreja no sentido de regularizar esses actos existentes nestas festas, houve uma instabilidade no seio das comunidades que não aceitavam essas imposições.

No entanto, Moacyr Rodrigues afirma que desde sempre, “as festas de Romaria tinham um duplo objectivo: religioso e o de aliviar os males das pestes e de agradecer as colheitas.

A religião desempenhava um papel muito mais relevante que hoje. As pessoas viviam-na e coabitavam com ela. Toda a vida quotidiana era pautada pelos ditames da religião” (Rodrigues. Op. cit. pág. 14).

As festas de Romaria são uma tradição comum a todas as ilhas de Cabo Verde.

2.5. POSSÍVEL CHEGADA (DAS FESTAS DE ROMARIA) A CABO VERDE E A SANTO ANTÃO EM PARTICULAR

Cabo Verde foi descoberto em 1460 por Portugal, que encontrou as ilhas desabitadas, começando a colonizá-las por meio do sistema de Capitanias Hereditárias dois anos mais tarde, trazendo escravos da costa da África para plantar algodão, árvores frutíferas e cana-de-açúcar (cana sacarina).

De acordo com Lopes Filho, a forma como o povoamento se processou, juntamente com as relações estabelecidas entre os grupos em presença, o próprio espaço físico e o isolamento das ilhas, criaram condições favoráveis para uma rápida fusão étno-cultural.

A localização do arquipélago permitiu-lhe que se tornasse um ponto de encontro de culturas, da qual sobreviveram ou resistiram traços culturais de um ou de

⁷ Rodrigues, *Cabo Verde Festas de Romaria Festas Juninas*, 1997. pág. 15

outro grupo, alguns foram recriados e outros perderam-se, surgindo também novos elementos a partir da fusão das origens.

Deste modo, há que ter em conta que a história e a cultura cabo-verdianas são o resultado do encontro entre culturas europeias e africanas.

O íntimo convívio entre essas culturas diferentes, em Cabo Verde, deu origem a diversas manifestações culturais e sincréticas, que integram harmoniosamente traços tanto de origem europeia como africana⁸ (FILHO.2003:49-50-58).

Segundo Moacyr Rodrigues, as festas de Romaria chegaram à Cabo Verde, através dos colonos portugueses. “Pela certa as mais antigas chegaram com a Igreja, nos princípios do século XVI, logo após a sua descoberta no princípio da colonização⁹”.

Como é do conhecimento geral, fomos descobertos pelos portugueses, povo de crença reconhecidamente católica. Suas tradições religiosas foram por nós herdadas e facilmente se incorporaram em nossas terras, conservando seu aspecto folclórico.

Mas, convém salientar que se dissermos que essas celebrações entraram em Cabo Verde com os portugueses, inclusive a parte dos rituais da fé cristã, não podemos descartar a influência africana que veio com as suas tradições. Os portugueses tentaram impor os seus valores culturais misturado com as várias formas de superstições de proveniência africana.

No que concerne à área religiosa houve uma interpenetração de culturas que resultou uma harmoniosa conjugação de valores e sentimentos provenientes das recordações africanas em convivência com a cultura europeia.

Sob essa base é que os escravos mantiveram vivos aspectos das suas raízes culturais; reavivavam as suas tradições culturais trazidas da África celebrando os seus rituais mais profundos, com danças e festejos que não foram transmitidas de forma pura. Mas, é necessário focar que o negro não conseguiu transmitir a sua cultura *sui generis* porque ela era inferior, mas sim uma cultura desvirtuada pela escravidão (Lopes Filho. Op. cit. pág. 42).

⁸ João Lopes Filho, Introdução à Cultura Cabo-Verdiana págs.49, 50, 58)

⁹ Vide RODRIGUES, Moacyr. *Cabo Verde Festas de Romaria Festas Juninas*.pag.13

Cabo Verde é um país resultante de uma forte miscigenação. Esse facto evidencia-se, principalmente, no cruzamento de elementos culturais.

Segundo Carlos Filipe Gonçalves, as festas dos Santos Populares devem ter sido levadas do Fogo para outras ilhas do grupo Barlavento, onde sofreram alterações e se adaptaram. A parte religiosa inclui a missa e a procissão. Os rituais, as tradições, o ritmo de tambores, as coladeiras, o ritual do mastro, são muito semelhantes às festas da ilha do Fogo¹⁰.

Deste modo, cada ilha de Cabo Verde tem a festa característica das suas tradições e costumes, que marcam o contexto histórico e cultural do povo destas ilhas.

As festas mais importantes na ilha de Santo concentram-se nos meses de Maio, Junho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro.

Assim sendo, apresentamos o calendário das diferentes festas de Romaria comemoradas na ilha de Santo Antão:

Data	Festas Comemorativas	Localidade (s)
3 de Maio	Festa de Santa Cruz	Coculi; Chã de Pedras
14 de Maio	Ascensão (Bandeirinha)	Coculi; Boca de Curral
13 de Junho	Festa de Santo António das Pombas	Paul
24 de Junho	Festa de São João Baptista	Porto Novo
29 de Junho	Festa de São Pedro	Ribeira Grande
24 de Setembro	Festa de Nossa Senhora do Livramento	Ponta do sol
1º Domingo de Outubro	Nossa Senhora do Rosário	Vila Ribeira Grande
15 de Agosto	Nossa senhora de Piedade	Janela
30 de Novembro	Santo André	Ribeira da Cruz

¹⁰ Descoberta das Ilhas de Cabo Verde – Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde) Lista de redactores sob orientação de José Maria Almeida.

2.6 - ORIGEM DAS FESTAS JUNINAS

Pesquisas feitas à Internet (site www.google.com.br - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Ant%](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Ant%25)), bem como consultas efectuadas a algumas documentações históricas, o nome joanino originou no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de Junho), vésperas do início das colheitas.

Conforme se pode constatar, as origens dessa comemoração também é muito antiga, remontando à época em que se prestava culto à deusa Juno da mitologia romana. Sabe-se ainda que os festejos em homenagem a essa deusa eram denominados “junônias”. Este facto remete-nos a uma das proveniências do actual nome “festas juninas”.

Recorde-se ainda que estas celebrações coincidiam com a festa Católica em que a Igreja comemorava a data do nascimento de São João, um anunciador da vinda de Cristo. Por esta razão compreende-se porque o catolicismo não impediu a sua realização. Assim sendo, em vez da extinção das comemorações resolveu-se adaptá-la ao calendário cristão.

Nesta perspectiva, com o aumento dos crentes, a Igreja Católica resolveu homenagear também São João e São Pedro. Assim, primordialmente, as festas eram chamadas de Joaninas e os primeiros países a comemorá-las foram França, Itália, Espanha e Portugal.

Em Cabo Verde a festa foi trazida pelos portugueses, e logo incorporada aos costumes dos povos negros trazidos da costa da África. Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo.

Assim sendo, a comemoração das festas juninas é, certamente, herança portuguesa em Cabo Verde, adicionada ainda aos costumes franceses que a elas se incorporaram na Europa.

Entretanto, as comemorações do dia de São João Baptista, realizadas ao 24 de Junho, deram origem ao ciclo festivo conhecido como festas juninas. Assim, no mês de Junho são celebrados, ao lado de São João Batista, dois outros santos: Santo António, cujas festividades acontecem no dia 13, e São Pedro, no dia 29.

De salientar que as festas de Santo António e de São Pedro só começaram a ser comemoradas mais tarde, mas como também aconteciam em Junho passaram a ser denominadas de festas juninas.

As festas juninas são ricas em manifestações culturais nomeadamente tradições orais, baile popular, convívio, visitas familiares, actividades recreativas, culturais e desportivas. Porém, por se tratar de uma festa predominantemente religiosa, uma das manifestações culturais mais importantes nesta área das tradições orais é a “Reza”. Esta expressão cultural derivada de uma herança colonial é uma manifestação religiosa que se implantou no seio da cultura cabo-verdiana como um dos aspectos mais conscientes da nossa cultura. Esta devoção é praticada em todas as ilhas de Cabo Verde, com modificações específicas de ilha para ilha”¹¹

Em Cabo Verde e em Santo Antão em particular, podemos observar características comuns às várias ilhas nas festas denominadas Santos Juninos, durante as cerimónias religiosas e que são complementadas com aspectos profanos com rituais de canto, dança e comida.

De acordo com nho Gualdino Lima, um ancião de 85 anos de idade, as festas juninas são comemoradas de uma forma rústica, sempre ao ar livre, em terraços das casas ou grandes salões construídos em terrenos no meio dos vales, previamente preparados para a ocasião.

2.7 - A SIMBOLOGIA DE SANTOS

Na concepção de Humberto Lima “*as comemorações das festas tradicionais têm a ver na maioria das vezes com o santo padroeiro de uma ilha ou localidade*” (op.

¹¹ Descoberta das Ilhas de Cabo Verde – Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde) Lista de redactores sob orientação de José Maria Almeida – p. 143

cit. p.134.). No contexto geral, estas festas muitas vezes não são importantes, mas podem ser de grande importância para essas localidades.

Lopes Filho, na obra *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*, afirma que as “tradições dos Santos Populares realizadas no arquipélago foram trazidas pelos povoadores portugueses”.

Como é do conhecimento geral, fomos descobertos pelos portugueses, povo de crença reconhecidamente católica.

Esse povo teve sempre uma crença. Entretanto, tentaram impedir o africano da liberdade a que todo o ser humano adquire no início da vida, pois este era forçado a servir o homem branco. Mas, a partir de uma determinada altura apercebeu-se que afinal podia ser um homem livre e começou a agir, fazendo as suas revoltas contra o branco.

Porém, a partir de uma determinada altura os portugueses começaram a atribuir um dia livre aos escravos. Aproveitavam esse dia para mostrar as suas manifestações culturais trazidas de África: os rituais, as danças ao som do tambor, os gritos e outros.

No que tange as festas de romaria, essas tradições foram por nós herdadas e facilmente se incorporaram no nosso território, conservando seu aspecto folclórico.

Referindo-se propriamente à simbologia de “Santos”, pode-se afirmar que na concepção do cristianismo, “Santos”, são pois, todos os fiéis a quem, após a sua morte, a igreja católica venera, evoca e presta público e rodeia a memória com honras religiosas.

De acordo com Espírito Santo, “um santo só existe pela vontade dos seus fiéis e ele é o que a aldeia ou o grupo de fiéis quer que ele seja”. “O santo é um símbolo, uma norma de conduta ou um modelo onde se reflectem os valores sociais. (Espírito Santo, op. cit. p. 115)

Foi assim, que a partir do século XX, a igreja, optou por considerar como santos os fiéis que tivessem sido aprovados oficialmente, após um processo cuidado de análise das suas vidas, obras e milagres.

Cada dia do ano é dedicado a um dos santos canonizados pela Igreja Católica. Como o número de santos é maior do que o número de dias do ano, criou-se então o dia de “Todos os Santos”, comemorado no dia 1º de Novembro. Mas alguns santos são mais venerados do que outros. Igualmente, no mês de Junho são festejados, São João Batista, Santo António e São Pedro cujas festividades são nos dias referenciados anteriormente.

A figura de Nossa Senhora esta ligada a exemplos de Santos. Em Portugal a santa mais conhecida dos Portugueses é a Rainha Santa Isabel. Contudo, temos exemplos de Nossa Senhora da Agonia em Viana de Castelo; dos Remédios em Lamego; Saúde em Santarém e há referências de que no século XV os negros que estavam em Portugal tinham como santa padroeira na confraria deles a Nossa Senhora do Rosário para sua devoção e patrocínio.

2.7. 1. SÃO PEDRO

Conforme está escrito no Novo Testamento e, mais concretamente, nos quatro Evangelhos (S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, S. João), São Pedro foi um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo. O seu nome original não era Pedro, mas sim Simão. Nos livros dos “Atos dos Apóstolos” e na “Segunda Epístola de Pedro”, aparece uma alteração grega do seu nome original: Simeão. Cristo chamou-o de Pedro.

Diz a Bíblia que S. Pedro nasceu na Galileia e que antes se tornar um dos doze discípulos de Cristo, ele era pescador. Conta-se que Pedro que estava lavando as redes com os seus companheiros, terá conhecido Jesus quando este entrou numa das suas barcas e pediu que Pedro afastasse um pouco da terra, de forma a poder pregar a uma multidão de gente que o queria ouvir. Pedro concordou e foi afastando a barca um pouco da margem. Quando terminou a pregação, Jesus disse a Simão Pedro: “Faz-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar”. Pedro respondeu-lhe que tentaram pescar durante toda a noite e nada conseguiram, mas não negaria a um pedido seu. O efeito foi uma grande pescaria que as redes se rompiam, sendo necessária a ajuda da barca dos companheiros, que ficou demasiadamente cheia de peixes. Tendo Simão Pedro visto aquilo, num gesto de agradecimento e estupefacção prostrou-se aos pés de Jesus

dizendo para que se afastasse dele, que ele era um pecador. Jesus animou-o dizendo: “de agora em diante serás pescador de homens”. (Lucas 5:1¹²).

Pedro foi o primeiro dos discípulos a professar a fé de que Jesus era o filho de Deus. Jesus o “baptizou” com este nome depois da confissão que fez, “ (...) Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” (Mateus 16:16) Jesus ter-lhe-á dito, então: "Simão, filho de Jonas, és um homem abençoado! Pois isso não te foi revelado por nenhum homem, mas pelo meu Pai, que está no céu. Por isso te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mateus 16:13).

É esse acontecimento que leva Jesus a chamá-lo de Pedro, a pedra basilar da nova crença. É por esta razão que São Pedro é, geralmente representado com chaves na mão e a tradição apresenta-o como porteiro do Paraíso.

Segundo o Evangelho de São Mateus, no dia em que Jesus estava sendo crucificado, Pedro, que afastado observava o julgamento de Jesus no átrio do sumo-sacerdote Caifás, ao ser acusado como um dos seguidores de Cristo por algumas pessoas, negou Cristo por três vezes, tal como este o tinha prenunciado. “ Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negaras.” Quando o galo cantou, Pedro lembrou-se do que lhe fora dito por Jesus e chorou tristemente. (Mateus 26:69)

Por sua vez, o Evangelho de S. João refere que depois de Jesus ter ressuscitado dos mortos, manifestou-se perante os discípulos e disse ao apóstolo Pedro, três vezes seguidos: “apascenta os meus cordeiros”, “ apascenta as minhas ovelhas”, “apascenta as minhas ovelhas”. (S. João 21:1) Segundo a Igreja católica, com estas palavras Cristo deu a Pedro o primado e o encargo de confirmar a fé, por meio de leis doutrinárias, e de governar os fiéis como um pastor universal.

¹² Livro de Êxodo. In BIBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida.

Reza ainda a história que São Pedro por suas pregações, foi condenado a morrer na cruz e que foi crucificado de cabeça para baixo, ao contrário de Cristo, isto porque foi considerado indigno de morrer do mesmo modo que Jesus Cristo.

Por tudo quanto foi anteriormente dito, percebe-se com facilidade porque São Pedro tem uma importância central na teologia católico-romana.

A este Santo é atribuído a fundação da Igreja Católica, que o considera o “príncipe dos apóstolos” e o primeiro papa. Por esse motivo, os fiéis católicos tributam a esse santo honrarias dignas de um Deus. Para esses devotos, São Pedro é o chaveiro do céu. E para que alguém possa entrar lá é necessário que São Pedro abra as portas.

Uma das crendices populares sobre São Pedro diz que quando chove e troveja é por que ele está arrastando os móveis do céu.

Vinte e nove de Junho foi dedicado a S. Pedro e marca o encerramento das celebrações juninas. O guardião das portas do céu é também considerado o protector das viúvas e dos pescadores que lhe devota muita fé, participando activamente nas festividades alusivas ao seu dia.

2. 8. O PERCURSO DESSA FESTA ATÉ À ACTUALIDADE

Conforme Bernardo Bernardi, “a cultura torna-se tradição, e as tradições tornam-se partes essenciais da cultura¹³”. A medida em que o homem vai apreciando os valores culturais, esses são transmitidos como uma herança no costume do dia a dia. Contudo, “esses valores podem variar, não se mantêm constantes, ou seja, não se cristalizam” (Bernardi, op. cit. p. 36).

Assim, cada ilha de Cabo Verde tem a festa característica das suas tradições e costumes, que marcam o contexto histórico e cultural do povo destas ilhas.

Segundo Sr. Rodrigo, um dos nossos entrevistado, antigamente, afluía a essa festa pessoas de todos os recantos da ilha de Santo Antão. Afirma que nessa época a

¹³ BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos Estudos Etno – antropológicos*. Pág.29

festa era brilhante, começavam a preparação a partir do dia 26 e, a parte profana reunia maior número de pessoas. Todas as pessoas da localidade aderiam à festa, sendo os preparativos da responsabilidade dos mesmos. Matavam os melhores animais que tinham para que as pessoas que viessem de longe pudessem ser bem recebidas. Essas pessoas, como vinham a pé demoravam quase dois dias a chegarem à Chã de Igreja. Traziam comida de caminho, mas uma parte era para encomenda na casa onde iam hospedar-se.

Antigamente, a parte religiosa composta por uma missa e procissão era da responsabilidade do Padre Figueiredo, que fazia o trajecto de mula. As pessoas iam numa romaria com toque de tambores, recebê-lo em Selada de Fora.

Importa frisar que segundo o nosso entrevistado, naquele tempo, nos salões de baile popular os instrumentos musicais que faziam destaque eram a viola, o violino e o cavaquinho.

Com o tempo esta festa foi perdendo o seu fulgor. As actividades religiosas não mudaram muito, isso devido a parte litúrgica que continua na mesma, porém a participação dos romeiros é que vem diminuindo de ano para ano.

Diz Jair Medina, um dos elementos da Associação do Desenvolvimento Comunitário de Chã de Igreja, que para que as tradições não se percam, actualmente, o grupo organiza a festa reavivando-a com o propósito de atrair pessoas, isso com incentivos da Câmara Municipal que tem vindo a promover e a patrocinar a festa de S. Pedro de um modo geral, com atribuição de prémios para concursos em termos de actividades recreativas e culturais, tais como: futebol (masculino, feminino e júnior), futebolinho, jogos de biscoitos, uril e toca do tambor. Há atribuição de prémios aos melhores tamboreiros, prémios esses que variam de quatro a dez mil escudos. Explica, que há alguns anos atrás tem vindo a tentar renascer a tradição de ir deitar S. “Pulim” no mar. Vão a pé numa romaria de Chã de Igreja até Cruzinha e, ao som do tambor acompanhado do navio, deitam os ramos no mar.

Outrossim, Diz Orlando Oliveira, Delegado Municipal da Freguesia de S. Pedro Apóstolo, que mesmo tendo algum grupo musical para animar a festa, no aspecto profano já não se reúne o mesmo número de pessoas como antigamente. Depois da

missa a festa fica centrada única e exclusivamente nas pessoas de Chã de Igreja, Garça e Cruzinha. Isso devido a parte profana que tem maior destaque na zona de Boca de Ambas as Ribeiras. Acha que, quem de direito (Câmara municipal) devia atribuir um dia para a realização da festa naquela zona. Acrescenta ainda, que se por acaso vierem a construir alguma paróquia na zona, a festa que se faz em Chã de Igreja corre o risco de extinção.

A este propósito desabafa Luciano Chantre “antigamente tudo era mais “sabe”.



Fig. 3. Ponte Canal. Porta de entrada de Boca de Ambas as Ribeiras

CAPÍTULO III

A FESTA DE SÃO PEDRO

3.1. A FESTA DE S. PEDRO – ETNOGRAFIA DA FESTA

3.1.1. O significado da festa

“Por mais elevada que seja a cultura de um povo, sempre nos seus costumes, crenças e tradições se irão encontrar os vestígios de épocas rudimentares sobre as quais se foram organizando as formas superiores da sua existência” (Bernardi, op. cit. p.37)

Deste modo, no que tange a etnografia, ela preocupa-se em obter uma descrição densa, e mais complexa possível sobre as actividades que um grupo particular de pessoas faz num determinado ambiente.

Nesta óptica, desde os tempos ancestrais e durante todos os anos, centenas de pessoas tomam parte nessas tradições que manifestam a história e a cultura do povo cabo-verdiano e dos santantonenses em particular.

É de realçar que, as festas de romaria tinham um duplo sentido: o de levar o homem a esvaziar-se do espírito imundo e o de aliviar dos sentimentos que a igreja considerava de idolatria. É nesse sentido que vamos encontrar na Bíblia Sagrada referências a idolatrias expressa através da adoração do bezerro de ouro, construção de querubins, propiciatório, mesa de madeira de cetim, castiçal e uma arca para veneração¹⁴. A “adoração ou veneração existe desde a antiguidade”.

Como já foi referido anteriormente a maior parte destas festas concentram-se nos meses de Maio e Junho. Elas, ganharam maior importância nas lhas mais a norte do Arquipélago. Essa é a altura de agradecer à Deus as boas colheitas e de se fazer os preparativos para um novo ano agrícola.

Esta festa de Romaria para além de comportar um papel grandioso para a religiosidade, comporta ainda a parte profana que cruza com o sagrado. Esse cruzamento vem desde a antiguidade.

¹⁴ Livro de Êxodo. In BIBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. pgs.83-84

Esta festa religiosa tem uma data fixa. É organizada pela igreja e realizada com base no calendário litúrgico com manifestações de sincretismo.

A adesão a esta festa já não é muito forte como antigamente, devido ao ritual que perdeu o seu significado simbólico original.

Conforme Moisés Espírito Santo uma das funções destas festas é tornar-se numa ocasião para rixas e ajustes de contas. Reza a lenda que “ a fundação do santuário de São Bento (Portugal) da Porta Aberta está ligada à história de dois vizinhos que, cansados de se baterem, decidiram oferecer um deles o terreno e o outro os materiais para a igreja” (Espírito Santo, op. cit.p. 142).

Esta ideia é ainda defendida por Moacyr Rodrigues, segundo a qual uma das finalidades da festa seria a de prova de força entre os homens. (estas festas serviam para os homens medirem as suas forças).

3.1.2. OS FESTEJOS. OS DIAS E OS LOCAIS DESSA FESTA

“Felizmente, o passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode esquecer-se dele, mas guardá-lo-á sempre em si. Porque, tal qual é em cada época ele é o resumo e o produto de todas as épocas anteriores.”
(Bernardi, op. cit, p.38)

A festa de S. Pedro, é pois um passado que esta vivo no seio da população da ilha de Santo Antão e, fecha o ciclo das denominadas festas juninas. Festeja-se no dia 29 de Junho na zona de Chã de Igreja na Garça, mais concretamente na Freguesia de São Pedro Apóstolo.

S. Pedro não goza dos mesmos sentimentos que Santo António ou mesmo de S. João no seio da população santantonense.

Antigamente, prolongavam a festa durante 4 dias seguidos, mas de alguns anos atrás ela foi diminuindo e actualmente, praticamente a partir das 16 horas já não se festeja nesta localidade.

Segundo Sr. João, naquela época festejavam S. Pedro no dia 29, S. Paulo no dia 30 e S. “Pulim” no dia 31. Estes iam deitá-lo no mar na zona de Cruzinha. Faziam o percurso ao som dos tambores e no baloiçar do navio.

É de salientar que, a maior animação da festa tem lugar no dia dedicado ao Santo nesta freguesia, lugar onde as pessoas de todos os pontos da ilha se concentram. A missa, a procissão fazem parte do sincretismo religioso nesta celebração que se segue as diversões com música, baile popular, jogos de bazar e comidas acompanhadas de bebidas alcoólicas, em especial o famoso aguardente de Santo Antão.

Sr. Rodrigo explica que, em 1953 já se fazia festa na Freguesia de Santo Crucifixo, mais concretamente na zona de Boca Ambas as Ribeira.



Fig. 4. Boca de Ambas as Ribeiras. Local de maior concentração de populares para a festa profana

Segundo nhô Gualdino Lima, quem começou por organizar essa festa em Boca de Ambas as Ribeiras foi o seu pai António Olímpio Lima. Naquele tempo havia “festa rija”, com quitandas por todos os lados para a venda de “comes e bebes”: canja de galinha e de capado, aguardente, “bandoi” (bebida feita de calda vinagrada de cana sacarina, água e açúcar), servido com carne assada, inhame vermelho e mandioca cozida.

Os romeiros eram bem recebidos, sempre com água fresca no pote e, com a abundância de comida guardada de dias anteriores, propositadamente, para aquele dia que era considerado muito importante para a Freguesia.

3.1.3. DESCRIÇÃO DO SAGRADO NESTA FESTA

De acordo com Humberto Lima, a fé nos Santos Padroeiros é tanta que as pessoas depositam toda a sua confiança neles.¹⁵

Assim, a explicação do Sagrado nesta festa manifesta-se de forma diferente da do Profano. Porém, explica Mírcea Eliade que o sagrado e o profano são dois lados de uma mesma moeda.

Há portanto, uma combinação do religioso e do profano nas festas de Romaria. Pois, o homem sente a necessidade de deixar os costumes negativos de lado e seguir o divino a fim de purificar a sua alma.

Todavia, o profano surge e vai diminuindo conforme as necessidades a que o homem vai tendo ao longo da sua vida.

É evidente que esta festa é para venerar o santo. Nesta data as pessoas invocam sua protecção através de missas e fazem promessas e pedidos ao santo confiando em sua suposta intervenção.

Durante o ritual sagrado, a igreja preocupa-se em purificar o espírito do homem com a missa que é dada uma atenção especial pelos devotos que participam com todo o entusiasmo como homens da religião, e de seguida há o momento da procissão. Segundo os entrevistados, a parte religiosa tem vindo a decair de ano para ano. São quase as mesmas pessoas é que continuam a frequentar o ritual sagrado, pois os mais novos preocupam-se mais com a parte profana.

Em Santo Antão mantém-se a tradição da missa e, após esta, há uma procissão formada por imagens dos santos, padres, irmãs, bandeiras, crianças trajadas de anjos, grupo coral e os fiéis, formando um verdadeiro colorido, que actualmente tornou-se menos animado, pois há menos gente e as actividades são muito mais concentradas.

Ainda relacionado com o sagrado está o “pagar promessa”. Ao longo do ano as pessoas vão fazendo os seus pedidos aos vários santos e no dia da festa aproveitam

¹⁵ Descoberta das Ilhas de Cabo Verde – Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde) Lista de redactores sob orientação de José Maria Almeida. P.143

para pagar as suas promessas, com devoções provenientes das crenças do poder da oração contra os perigos acendendo velas no altar.

É deste modo, que em todas as épocas históricas houve sempre aqueles que iam em devoção cumprir as suas promessas. Essa tradição remonta desde a Idade Média, como se pode provar pelos excertos de algumas Cantigas de Amigo a seguir, em que havia sempre um desígnio em ir acender as velas:

(...)

“fui eu rogar muito a Nostro Senhor,

non por mia alma candeas queimar

mas por veer o que eu muito amei

sempre, e non veo o meu traedor!”

(...)

D. Afonso Lopes de Batão

Na cantiga de Pêro Viviae que se segue vemos que as moças vão aos locais de romaria, e enquanto as mães acendem velas por elas numa devoção alegre e um pouco fingida, as filhas dançam no adro, em córs perante os namorados que estão assistindo:

“ Pois nossas madres vam a San Simon

de Val de Prados candeas queimar,

nós, as meninas, punhemos d’andar

con nossas madres; e elas enton

queimen candeas por nós e por si,

e nós, peninhas, bailaremos i.

Nossos amigos todos lá iram

por nos veer, e andaremos nós

bailand' ant' eles fremosas, en cós;

e nossas madres, pois que alá vam,

(...)

Relacionada com o lado místico ainda há a cerimónia do levantar do mastro designado de “miron” (Rodrigues, op. cit. pp. 22-23) que é levantado no dia da Ascensão do Senhor ao Céu e só é retirado no dia de S. Pedro. Esse mastro é um pau muito alto, enfeitado de ramos de alecrim e flores aromáticas, no cimo do qual, trás a bandeira do Espírito Santo com uma pomba. Explica Rocha, que “ao içar o mirão, o vento leva a bandeirinha para o quadrante onde deverá chover na época das chuvas”.(Rocha, op. cit. pag.54).

Igualmente, relacionada com a explicação católica para tais festividades tirada da Bíblia e com acréscimos mitológicos, os católicos descrevem o seguinte:

“Nossa Senhora e Santa Isabel eram muito amigas. Por esse motivo, costumavam visitar-se com frequência. Um dia, Santa Isabel foi à casa de Nossa Senhora para contar uma novidade: estava esperando um bebé ao qual daria o nome de João Baptista. Ela estava muito feliz por isso! Mas naquele tempo, sem muitas opções de comunicação, Nossa Senhora queria saber de que forma seria informada sobre o nascimento do pequeno João Baptista. Assim, Santa Isabel combinou que acenderia uma fogueira bem grande que pudesse ser vista à distância. Combinou com Nossa Senhora que mandaria erguer um grande mastro com uma boneca sobre ele. O tempo foi passando e, conforme combinaram, Santa Isabel fez. Lá de longe, no dia 24 de Junho, Nossa Senhora avistou o sinal do fumo e compreendeu a mensagem. Foi visitar a amiga e a encontrou com um belo bebé nos braços.

Assim, começou então, a ser festejado São João com mastro, fogueira e outras coisas bonitas, como foguetes, danças e muito mais!”

Tratando-se de festas de santos padroeiros, é de assinalar, no entanto, as oferendas feitas à igreja (canas, milho, feijão, mandioca, batata, bananas, inhames,

aguardente peixe, rosários, ...) que o povo leva no dia da festa, para ornamentação da igreja dão um brilho colorido e diferente à mesma. Por vezes essas oferendas (Ramos) simbolizam agradecimento a Deus pela colheita obtida. Após os actos religiosos esses Ramos são expostos no átrio da igreja para arrematação revertendo o montante arrecadado a favor da igreja local.

Ainda, na área principal da igreja são expostos produtos “da terra” na praça. Há uma pessoa incumbida pela igreja, que em voz alta começa a arrematação dos Ramos com um preço e a medida que as pessoas vão atribuindo um valor, há uma disputa acérrima e a arrematação só é atribuída a quem fizer melhor oferta. Hoje em dia os Ramos vão desaparecendo aos poucos devidas às más colheitas derivadas da quase inexistência das chuvas.

Nos anos de mau ano agrícola, levam outros produtos para não quebrar a tradição. Reza a história que quem arremata os ramos aproveita algumas sementes para o cultivo e, depois, os resultados são satisfatórios.

Em Santo Antão, não há nenhuma festa de Santos populares em que não se faz a arrematação de Ramos.

3.1.4. O PROFANO

Como já foi dito anteriormente, nas festas de romaria há uma fusão do sagrado e do profano. Enquanto alguns se preocupam em ir à missa muitas vezes para “pagar promessa”, outros preocupam-se somente com o profano ou com a parte lúdica que engloba bailes, “comes e bebes” e outros divertimentos, portanto, nesse tempo as pessoas não se preocupam com o divino.



Fig. 5. Barracas onde se vendem “comes” e “bebes”. Foto exemplificativa da vertente profana

Na festa de S. Pedro a parte profana é a que mais se destaca. Porém, essas tradições trazem um certo misticismo, e um sincretismo religioso

que até nos dias de hoje é pouco explícito pelas pessoas, que vão à festa.

Para Lopes Filho, as crendices e as manifestações populares ancestrais, ainda encontradas neste arquipélago, geralmente sofrem alterações de ilha para ilha.

É importante referir que esse dia é considerado como tempo consagrado a este Santo na Freguesia de São Pedro Apóstolo e, na Freguesia de Santo Crucifixo, em especial na zona de Boca de Ambas as Ribeiras.



Fig. 6. Gualdino Lima. (foto)

Na perspectiva de Nhô Gualdino Lima, antigamente, quem organizava a festa em Boca de Ambas as Ribeira era Nhô Bento e João Viriato. Nos bailes populares os instrumentos musicais utilizados eram: viola, cavaquinho, rabeca, clarinete e violino.

Nesta festa e em quase todas as festas dos Santos populares em Santo Antão, antigamente, nas vésperas, realizavam os sortilégios e predilecções, a parte mágica da festa característica do catolicismo popular. Inúmeras adivinhações a respeito dos amores e do futuro eram feitas nas vésperas do dia dos Santos, em geral de madrugada. Deitavam sortes, quebrando ovo na água, para, no dia seguinte, lerem os resultados (com quem se ia casar, se era amado ou amada, quantos filhos se ia ter, se ia morrer jovem ou ganhar dinheiro, se ia viajar, etc.). Se aparecesse um navio era uma viagem que estava reservada, uma igreja, o casamento, e um caixão o sinal da morte.



Fig. 7. Nha Chiquinha (foto)

Em Santo Antão essa tradição foi sempre rija em quase todas as festas de romaria.

Uma das figuras que se destacou brilhantemente nesta festa foi Nha Chiquinha de Manuel Gualdino, que há anos atrás construía salões de betão armado abrilhantando a festa com a

comparticipação dos melhores conjuntos musicais da época, como por exemplo: “Arco-íris”, Os Kings”, “Grito de Mindelo” e outros, substituindo um pouco as tradicionais orquestrações de mazurca e contradança ao som dos instrumentos musicais já referidos, nos bailes nocturnos.

Para cada conjunto musical pagava cento e vinte mil escudos (120 000\$00) para tocar nas verbenas e nos bailes populares a noite, incluindo ainda toda o alojamento de todos os elementos dos conjuntos. A partir do momento em que deixou de contratar os conjuntos, passou a contratar Cubilas, com a sua famosa aparelhagem e, este recebia duzentos mil escudos (200 000\$00) para tocar em todas as festas que ela organizava.

Cada bilhete de entrada no salão da festa variava de preço. Mulheres, pagavam de 20 a 40 escudos por bilhete nas “verbenas” e a noite de 80 a 100 escudos para os homens. Havia policiamento a um preço de dia e de noite estes recebiam outro preço. Além disso, construía quitandas que serviam de bar e restaurante em que se vendia feijoada, cachupa, bife com batatas, cerveja, ponche de mel e outros produtos.

Nha Chiquinha afirma que na época em que organizava a festa, não tinha apoio de nenhuma instituição, a não ser dos próprios filhos.

Segundo Sr. Januário Rocha, presidente da Associação para defesa do Ambiente e Desenvolvimento, no dia 29 de Junho de 2005, prestaram grande homenagem à Nha Chiquinha, Sr. Armando Melo e ao Aníbal Medina (os dois últimos já falecidos), pela grande contribuição que deram na parte profana nas festas de São Pedro em Boca de Ambas as Ribeiras.



Fig. 8. Diploma de mérito concedido a Nha Chiquinha

O objectivo dessa homenagem é despertar a atenção para as festas de romaria em Cabo Verde e em particular a de São Pedro.

Conforme João de Lisa, actualmente, na festa de S. Pedro em Chã de Igreja, o ritual profano é quase

inexistente. Após a missa as pessoas deslocam-se à Boca de Ambas as Ribeiras a fim de se divertirem, principalmente nos salões construídos de betão armado, em que as aparelhagens marcam a diferença.

As pessoas que vão “fincar” as barracas para a venda de “comes” e “bebes” e, salões de baile começam a festa a partir do dia 19 e às vezes até começam alguns dias antes. Mas no que tange ao baile popular, a “verbena” que é o baile para os mais novos começa a partir das 17 horas, ao contrário de há muitos anos atrás em que começava a partir das 14 horas.

3.1.5. - O TOQUE DE TAMBOR – COMO SE FESTEJA

De acordo com Agostinho Rocha, o povoamento da ilha de S. Antão deu-se com a entrada de algarvios, alentejanos e minhotos¹⁶. Nesta óptica, o ritual do toque do tambor pode ter resultado dos rituais introduzidos pelos portugueses aquando da colonização destas ilhas, uma vez que, o tambor usado nas festas em Cabo Verde tem origem portuguesa. Entretanto não podemos por de lado os rituais africanos que também foram trazidos para estas ilhas.

A luz do que foi dito anteriormente, se no toque do tambor, o instrumento utilizado é o tambor de origem europeia trazido pelos Portugueses, logo, há um indício da interpenetração sócio-cultural cabo-verdiana. Contudo, o ritmo com que o tocam é africano. Esses ritmos são executados nos tambores com o seu auge, nas festas de S. João Baptista, aquando do solstício de Junho.

O tambor é um instrumento de percussão denominado de membranofones. Esse instrumento musical é constituído essencialmente por pele de cabra ou de vaca, esticada sobre um arco que se forma uma caixa de forma circular. É o instrumento musical mais utilizado nas festas dos santos populares em Cabo Verde. Para que o tambor não se fure durante o repicar, os paus de tambor são, normalmente, construídos da madeira de figueira ou goiabeira por serem mais suaves e não furam a pele do tambor.

¹⁶ AGOSTINHO, Rocha. *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão*. Pág.14

“Ao toque dos tambores, grupos de mulheres dançam o “colá” exibindo-se na dança, entrecortada por gritos estridentes que atraem e excitam os observadores” (LOPES FILHO, op. cit. pág. 251).

Os grandes tocadores de tambor são chamados compositores e as mulheres que cantam e dançam, chamam-se Coladeiras.

É importante frisar que para cada santo há um modelo de toque de tambor.

Para Luciano Chantre, “colá” é dança acompanhada de uma cantiga de romaria, com demonstração e ritual popular, proveniente de um sincretismo religioso, que têm tambores e apitos como instrumentos musicais.

Nas várias ilhas, o “colá” é uma dança reconhecida aos santos protectores de determinadas localidades e que decorre, normalmente, entre os meses de Maio e Junho, com maior destaque em Junho.

Para dançar o “colá”, são necessários, pelo menos, quatro pessoas, que devem ter uma boa noção de ritmo. O batimento que é marcado ao ritmo do toque dos tambores que deve ser compassado, isto é, devem bater todos ao mesmo tempo.



Fig. 9. Tamboreiros actuando na Festa de São Pedro.

As “coladeiras” e coladores vão para lados opostos e regressam ao centro, donde tinham partido, para se encontrarem e bater o umbigo um ao outro de forma bem marcada, para se produzir um som único como um coro. Mas, uma só pessoa pode também fazer o “colá” com quatro pessoas, indo de uma a outra, ao compasso dos tambores. Os coladores, após calcularem uma certa distância, partem um em direcção ao outro, ao ritmo do toque dos tambores, e dão a umbigada e se afastam.

Existem, entretanto, algumas particularidades que diferenciam o “colá” de ilha para ilha. O “colá” que se dança na ilha de Santo Antão possui um toque mais veemente e requebrado, acompanhado sempre de uma dança exibida por quatro pessoas que se colocam em forma de cruz, dando umbigadas dois a dois, de forma rítmica e alternada.

Luciano explica ainda que, todos os tocadores têm de bater as pauladas num mesmo compasso. Isso não impede cada tocador de possuir a sua expressão no tocar, com um gesto mais frenético, com o seu requebro e exagerarão no movimento e no corvetear do corpo.

Tanto tocando o tambor, gesto normal no bater, ou o “revolteá”, em que o tocador se corveteia, de forma exagerada, ao repicar o tambor, o compasso é sempre igual.

Segundo os coladores, o “colá” é uma alegria do corpo, mas é também algo que se faz com toda a alma.

Para além dos tambores, feitos de pêlo de cabra curtido, uma bandeira, um navio e apitos são companheiros fundamentais dos grupos. As cores da bandeira da festa de S. Pedro são verde e amarela, pois cada bandeira tem o seu significado. A bandeira verde simboliza a esperança, a amarela significa o regressar ou não no próximo ano à festa, a da cor branca é o símbolo da festa de S. António.

De acordo com Luciano Chantre, a tripulação do navio é composta por 6 tamboreiros com boné de marinheiro, mais 6 pessoas de bandeiras, capitão piloto. O navio é transportado pelo capitão que possui uma farda com divisa e boné apropriados. O piloto e o capitão alternam-se à medida em que um deles sente-se cansado, isto é, o piloto passa a ser capitão e este a ser piloto. No momento da alternância trocam-se de boné e de divisa e vice-versa. Por sua vez, o piloto é quem transporta a bandeira de

Cabo Verde, mas acrescenta ainda, que ostentam algumas bandeiras de outras nacionalidades, tais como: Italiana e Francesa.

No que tange ao navio, este possui uma abertura exactamente no meio, uma espécie de arco que liga a proa a popa, onde o capitão fica segurando-o dos dois lados para poder navegar ao ritmo do tambor e ao sabor das ondas, subindo e descendo, imitando o balouçar dos navios em alto mar e simboliza tanto as viagens entre as ilhas, de S. Vicente e Santo Antão, como as longas viagens de um país a outro.

No momento em que os tamboreiros exibem as suas aptidões, o navio vai baloiçando próximo das pessoas, girando como se estivesse navegando em volta delas, até que estas dêem dinheiro ao capitão ou brindam este com prendas que são colocadas nos porões desses navios colocados à frente e atrás do capitão que agradece e segue o seu caminho.

O nosso entrevistado é peremptório em afirmar que é o protagonista do reavivar das festas com o tambor e o navio que já haviam desaparecido. Conta, que quando regressou da Holanda, trouxe os materiais e teve a iniciativa de retomar as festividades à moda antiga e, nesta perspectiva, construiu o seu navio e reintroduziu-lhe em todas as festas de romaria em Santo Antão.

Ao ritmo da ensurdecadora “orquestra” (o tambor) e num animado colorido de vozes, todo o mundo vai cantando com entusiasmo durante a caminhada, a seguinte melodia:

Tud gente cola nesse pik

Esse pik d’Mari d’Aninha

Tud gente colá p’riba

Por bóxe n ne debo conta

No bem colá

No bem colá

Ó ke sábe, ó ke sabe,

3.1.6. DA ROMARIA AOS LOCAIS DA FESTA

Defender o nosso folclore é obedecer e respeitar a memória dos nossos maiores¹⁷.

Sendo a romaria uma tradição muito antiga, do tempo em que não havia transporte, as pessoas iam normalmente a pé percorrendo longas caminhadas sem indícios de cansaço.

A ida e o regresso dos romeiros têm hora marcada, que é sempre guardada com muita impaciência.

Como conta-nos Sr. João, no período antes da independência, esta festa tinha maior afluência de pessoas que vinham de todos os pontos da ilha. Nessa época o percurso era feito a pé, passando por vezes quase dois dias apeando para se chegar à Chã de Igreja, isso devido a falta de estrada que ligava Boca de Ambas as Ribeiras à Garça. Iam sempre dançando ao som do tambor, o que lhes transmitia muita força de vontade, tornando a viagem menos cansativa. Estas, chegando à Boca de Ambas Ribeira faziam uma grande jornada subindo pela vereda de Lombinho Branco, onde a caminhada era mais perto. Chegavam a Selada do Mocho da Garça, desciam Mocho da Garça onde dormiam na festa e seguiam o trajecto no dia seguinte até Chã de Igreja.

Levavam uma “saraia” de pêlo de cabrito curtido, onde punham os mantimentos que lhes serviam de comida do caminho: batata assada, “prentem” (milho estalado), mandioca cozida, carne assada, bolo, fonguinho, brinhola e bandoi, para além de um buli com água ou com aguardente. Mas, onde paravam para descansar um pouco eram sempre bem recebidos e havia muita comida para se alimentarem. Actualmente, quem vai a essas festas tem de levar dinheiro no bolso para comprarem alimentos, porque tudo é diferente de antigamente.

Como nos afirma o Sr. Rodrigo, essas pessoas eram incansáveis, pois, a intenção era sempre pagar uma promessa; se o não fizessem podiam ser castigados.

¹⁷ Vide Revista de Informação Regional Montanha Nº 2. Dez / 91

Antigamente, em Santo Antão e em particular na festa de S. Pedro, como mandava a tradição, dias antes da festa pessoas idóneas combinavam em segredo com uma criança da vizinhança, ou mesmo com adultos que, pela primeira vez tomavam parte na festa, para irem de madrugada às secretas com elas a festa. O fugitivo (fegide) como era denominado, era transportado sob um “paie” ou uma coberta, feita de um lençol, amarrado pelas quatro pontas, a quatro paus, que são segurados por quatro pessoas. À volta da cintura do “fegide” amarrava-se uma corda dando um aspecto de estarem no tempo da escravatura.

Pelo caminho iam colando o “fegide”, ao redor daqueles que se encontravam sob o lençol e que eram considerados fugitivos. O regresso era um dia a seguir à festa. Seguindo o ritual próprio, ao chegarem a casa do “fegide”, este era entregue no meio de uma grande festa.

Conforme nos conta Luciano Chantre, uma vez uma senhora levou-o a festa fugido. Regressaram no dia seguinte e, foi bem acolhido pelos pais, pois reza a crença popular que os pais que batessem nos filhos que fossem a festa às escondidas ficariam com a mão direita eternamente levantada.

Assim, com o arranjo da estrada que liga Boca de Ambas as Ribeiras à Garça e, com a chegada de alguns carros à ilha de Santo Antão, a festa perdeu a exuberância que tinha anteriormente. Actualmente, as pessoas deslocam-se de carro e regressam à casa no mesmo dia, isso vem diminuindo o contacto entre as pessoas e a força da festa dia após dia. Para além disso, os mais jovens preocupam-se mais com os festejos da vida mundana, deixando de lado toda a tradição que vem perdendo a sua exuberância que tinha em tempos antigos.

Luciano afirma que há uns dois anos atrás, algumas senhoras reavivaram a festa de S. António no Paul com o “fugide”, pois antigamente tudo era mais “sabe”.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, pudemos concluir que as festas de romaria constituem um dos padrões nas nossas manifestações culturais em Cabo Verde. Pela diversidade de componentes que entram na composição da nossa cultura, essas festas podem ser consideradas manifestações culturais mais folclóricas do que religiosas.

Em Cabo Verde e em Santo Antão em particular as festas tradicionais têm maior concentração no mês de Junho, daí a designação de festas juninas, como na de São Pedro.

Há uma incerteza quanto a chegada dessas festas de romaria em Cabo Verde. Mas o certo é que elas devem ter sido levadas da ilha do Fogo a Santo Antão, onde sofreram modificações e se adaptaram.

Nessas festas o religioso se mistura com o profano e com o cultural, constituindo autênticos momentos de reencontros, convívio social, isto é, há uma forte confraternização entre os dois aspectos.

Essas manifestações são festejadas quase sempre da mesma forma, embora tenham adquirido particularidades próprias que as distinguem de ilha para ilha, com os seus mitos e crendices à volta de todos os santos populares.

Por sua vez, a festa de S. Pedro tende a decair ano após ano. As pessoas que se deslocavam de lugares distantes para essa festa, traziam os seus “balaies” ou as suas trouxas para ajudar na preparação da comida e pernoitavam em casas de familiares ou amigos, mas hoje em dia isso já não acontece.

Apesar disso há pontos comuns na festa de S. Pedro como: o toque do tambor com o seu requebro frenético acompanhado do colá; a participação na festa que se prende com o simples desejo de festejar; a intenção de ir a festa para pagar as promessas feitas ao Santo e o fazer de novos pedidos; a arrematação de ramos; a preparação dos alimentos com o milho à base da nossa culinária, acompanhada de bebidas diversas: aguardente bandoi, pontxe, cerveja, vinho e outras.

É importante frisar que as festas de romaria apresentam actualmente algumas características diferentes das do passado, pois com as transformações sucessivas da nossa sociedade não era possível que as manifestações culturais permanecessem da mesma forma que em tempos antigos. Assim, com todas essas transformações o que se pode fazer é resgatar essa tradição que identifica o povo santantonense, e nunca o deixar cair no esquecimento despertando assim, o interesse pela valorização das nossas raízes.

Estamos certos de que com o presente trabalho não esgotamos o objecto em estudo, dado à sua complexidade o que também não constituía o nosso propósito. Contudo, este é o trabalho que a nossa capacidade e limitações de vária ordem permite realizar. Por isso, esperamos que este estudo contribua, ainda que modestamente, para uma melhor compreensão e valorização da cultura santantonense e Cabo Verde em geral e que abra perspectivas para estudos mais aprofundados.

Posto isto, gostaríamos de deixar o nosso apelo para as entidades e instituições responsáveis pela preservação, divulgação e valorização da cultura cabo-verdiana no sentido de apoiarem associações e pessoas individuais para que promovam e perpetuem as nossas tradições e culturas que constituem a identidade do nosso povo.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Germano. *Cabo Verde – Viagem pela História das Ilhas*. Cabo Verde. Ilhéu Editora 2003.

ALMEIDA, João Ferreira de. Livro Êxodo. IN: *Bíblia Sagrada*. Lisboa. Depósito das Escrituras Sagradas. 1947.

Antologia da Ficção Cabo – Verdiana Contemporânea. Edições Henriques. Achamento de Cabo Verde. 1960

BALENO, Ilídio Cabral. *Povoamento e Formação da Sociedade*. IN: *História Geral de Cabo Verde* vol I. Coordenação de Luís Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos. Coimbra. Instituto de Investigação Científica Tropical - Lisboa e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde. 1991.

BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos Estudos Etno – Antropológicos*. Lisboa. Edições 70. 1988.

BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos Seus Costumes Crenças e Tradições* Vol I. Lisboa. Editora 1985.

-----, *O Povo Português nos Seus Costumes Crenças e Tradições* Vol II. Lisboa. Editora 1986.

BRITO, Margarida. *Os instrumentos musicais em Cabo Verde*, Centro Cultural Português – Praia – Mindelo, 1998.

CAILLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa. Edições 70. 1988

Descoberta das ilhas de Cabo Verde. A H N. Praia. 1998

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões* (1ª Edição. 1992).
Edições ASA.1997

ESPIRITO SANTO, Moisés. *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa. Edição
1990.

O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. Lisboa “Livros do Brasil.
1999.

FILHO, João Lopes. *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*. Instituto Superior de
Educação – Praia, 2003.

GUERRA, João Augusto da Fonseca, **VIEIRA**, José Augusto da Silva. *Língua
e Cultura*. Porto Editora.

Rocha, Agostinho. *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão (1462/
1983)*. Cabo Verde. Autor Edição.1990.

RODRIGUES, Moacyr. *Cabo Verde Festas de Romaria Festas Juninas*.
Mindelo. Edição Autor. 1997.

TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário de Santos*

ANEXO

Instituto Superior de Educação
Departamento de Estudos Cabo-verdianos e Portugueses

Inquérito

No âmbito da elaboração de um trabalho científico para obtenção do grau de Licenciado, pretendo apresentar um trabalho intitulado: “A festa de S. Pedro em Santo Antão”, para efeito, proponho realizar um inquérito à alguns santantonenses.

O objectivo é recolher informações sobre como e o que tem sido essa manifestação festiva. Eis as questões que nos servirão de guião.

1. Gostaríamos que nos falasse da função desta freguesia tendo em conta os seguintes tópicos:

- a) Quando foi criada?
- b) Por quem?
- c) Porquê a designação?

2. Quando se começou a festejar esta festa e como tem sido feita a preparação da festa tendo em conta:

- a) A data do início da festa
- b) Tempo de preparação
- c) Actividades realizadas dentro e fora da igreja
- d) A posição da igreja perante os actos profanos
- e) Importância dessa festa para a freguesia e para os santantonenses em geral

3. Diga-nos quando se começou a festejar esta festa em Boca de Ambas as Ribeira tendo em conta o seguinte:

- a) As diversões no passado e na actualidade
- b) As vendas
- c) A gastronomia
- d) As pessoas que mais se destacaram no passado e na actualidade
- e) O comportamento das pessoas no decorrer da festa

4. Na actualidade começou a verificar-se algumas alterações relativamente a esta festa. O que acha que esta na base dessas mudanças?